

Resenha

Estágio supervisionado e práticas educativas em foco

FERRO, M.E; GONÇALVES, A.V; PINHEIRO, A. S; *Estágio Supervisionado e práticas educativas: diálogos interdisciplinares (organizadores)*. Dourados (MS): Editora UEMS, 2011. 336 p.

Jociane Marthendal Oliveira Santos*

Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba

A obra é uma composição de textos reunidos de docentes e convidados dos eventos I Seminário Nacional de Estágio Supervisionado: Diálogos entre Licenciaturas e II Fórum de licenciaturas da UEMS realizados em setembro de 2009. *Estágio Supervisionado e Práticas Educativas: diálogos interdisciplinares* tem como foco ampliar as discussões e pesquisas sobre estágios supervisionados e se estes estariam provocando o surgimento para um campo próprio de investigações interdisciplinares. A presente obra foi publicada pela Editora UEMS em 2011, tem 336 páginas, e é composta por prefácio, apresentação da obra, agradecimentos. O livro é dividido em três partes. A primeira composta por três capítulos que tratam dos questionamentos de modelos e concepções sobre o fazer-se professor e o estágio como proposta de oportunizar a constituição e auto percepção do sujeito docente; a segunda, também composta por três capítulos reúne áreas distintas relacionadas a questões relativas às práticas educativas na formação docente e a terceira e última parte; organizada em nove capítulos, apresenta e discute experiências de estágio supervisionado em diferentes cursos de licenciatura.

Os organizadores da obra são Adair Vieira Gonçalves, doutor em linguística e língua portuguesa pela UNESP e professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); Alexandra Santos Pinheiro, doutora em teoria e história literária pela UNICAMP e professora da UFGD e Maria Eduarda Ferro, mestre em educação pela UFSCAR e professora da UEMS.

O capítulo um de Roseli Cação Fontana, traz reflexões a respeito das fragilidades e situações conflituosas que o estágio proporciona. Logo, presença do estagiário no campo, por vezes, se dá é como se o mesmo fosse um estrangeiro que se aproxima do grupo e do seu não lugar. Tornar as coisas familiares e depois de um tempo deixa-las. As expectativas que o estagiário tem de si e como ele vivencia as relações na escola, ou seja, o estágio é uma instância formadora recíproca e intersubjetiva. Os significados e sentidos apreendidos nesse outro, é a expressão de seus valores, daquilo que privilegia e das emoções e sentimentos de temor, curiosidade, fascínio, repugnância mobilizados pela inserção na escola. Aprende-se no estágio com o outro e muito de si, caracterizando assim o processo formador.

No segundo capítulo, Silvia Nogueira Chaves apresenta cenas da vida da escola brasileira e questiona o padrão do professor brasileiro e o aluno que se está formando. Questiona como os professores se preparam e devem se preparar para lidarem com o novo e o inesperado, fruto do encontro com o outro. Salienta que é preciso experimentar novos caminhos como saídas para dilemas dessa profissão de quem "gosta de gente" e nesse processo de análise, a pesquisa (auto) biográfica tem contribuído na direção de encontrar outras configurações na docência e no processo formador. Por fim ela coloca "o cuidado de si" na formação, ou seja, deixar de

rejeitar nossa forma de ser ou a nós mesmos por estarmos sendo infiéis aquilo que instituíram que deveríamos ser como docentes.

No terceiro capítulo, os autores Sergio Choiti Yamazaki e Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki discutem um estudo realizado sobre as vertentes bachelardianas diurna e noturna. A partir dos estudos de Bachelard fazem uma crítica aos planos fechados e as ações de ensino-aprendizagem que valorizam mais as informações e o uso das técnicas do que a dinâmica de novos saberes e fazeres. Apresentam que há uma necessidade urgente de mudança na forma de conceber a educação. E por fim, destacam o valor as subjetividades envolvidas no exercício da docência.

No quarto capítulo, Antonio Dari Ramos e Eliazar João da Silva apresentam o papel que a pratica docente desempenha na área de História. O texto é dividido em duas partes. A primeira traz discussões de especialistas a partir da década de 1930 a respeito da inserção da pratica nos cursos de formação de professores e os desdobramentos da legislação, desembocando nos desafios aos cursos de história e sua adequação à legislação vigente. Na segunda parte apresentam a ação docente numa perspectiva renovada.

No quinto capítulo, Roberta Puccetti reflete a formação do professor de Artes no contexto das precariedades históricas e perspectivas do cenário educacional brasileiro. O artigo é dividido em três partes a primeira com uma breve contextualização da situação da formação do professor no Brasil, a segunda referencia a formação do professor de artes e, a terceira parte, a ênfase sobre as questões relacionadas a epistemologia e a metodologia do ensino da arte.

No sexto capítulo, os autores Lucélio Ferreira Simião, Maria Eduarda Ferro e Aline Maria de Medeiros Reali discutem a importância da não neutralidade das tecnologias e as efetivas potencialidades educativas das NTICs (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação) como prioridade nas discussões nos cursos de formação de educadores.

No sétimo capítulo, Vera Lucia Lopes Cristóvão apresenta conceitos que fundamentam sua própria prática, enquanto reflexão. Em seguida faz uma análise parcial apresentando uma descrição de projeto se reportando a atividades desenvolvidas pelos professores da rede estadual das disciplinas de prática de inglês no trabalho bem como o funcionamento da(s) comunidade(s) de pratica por meio de atuação em projetos de extensão.

No oitavo capítulo, Maria Angela Paulino Teixeira Lopes reflete sobre as representações de estagiários e de professores de língua materna a partir de seu agir e do lugar que o profissional do ensino ocupa na sociedade. Como exemplo utiliza a experiência vivida no nível de graduação em Letras da PUC- Minas.

No nono capítulo, Wagner Rodrigues da Silva e Selma Maria Abdalla Dias Barbosa revelam a partir de uma pesquisa com metodologia de análise documental, o ensino fragmentado entre disciplinas de estágio supervisionado. Destacam a necessidade da pratica interdisciplinar não apenas no trabalho pedagógico da educação básica, mas também no ensino superior. A pratica interdisciplinar seria uma alternativa pedagógica para minimizar desafios recorrentes pelo trabalho docente isolado ou disciplinar com pouca articulação entre aspectos teóricos práticos.

No décimo capítulo, Adair Vieira Gonçalves e Alexandra Santos Pinheiro discutem a formação inicial dos professores a partir de dois textos: o Regulamento de estágio (normas que regem a prática de estágio da Universidade Federal da Grande Dourados nas duas habilitações do curso de Letras e Artes da mesma Universidade) e o projeto de intervenção que é solicitado para

professores na formação inicial como requisito parcial da conclusão da Disciplina Estágio Supervisionado, para efetiva conclusão do curso.

No décimo primeiro capítulo, Maria Alice de Miranda Aranda e Maria José de Oliveira propõem a reflexão sobre o Estágio Curricular supervisionado do curso de Pedagogia da UFGD à luz das prescrições legais, orientações teóricas e acerca das práticas que movem o processo educacional neste século. Enfatizam as autoras que ainda que pequenas, as mudanças e transformações em ações concretas na educação acontecem e se projetam, mas é necessário mobilização para ampliações de mudanças substanciais quanto ao percurso formativo do educador.

No décimo segundo capítulo, Flaviana Gasparotti Nunes e Sedeval Nardoque refletem sobre as principais concepções sobre estágio presentes nos cursos de licenciatura, mais especificamente na área da Geografia. Constatam a necessidade de compreender o estágio não somente como uma atividade somente prática, coo também teórica, visto que promove reflexões instrumentalizando as ações docentes não somente do ponto de vista técnico, mas também político.

No décimo terceiro capítulo, Lenice Heloisa de Arruda Silva, Roque Ismael da Costa Güllich e Fernando Cesar Ferreira abordam a observação, familiarização e vivência no contexto escolar no Estágio Supervisionado de Ciências e Biologia. Desenvolvem a perspectiva da ação para o planejamento da ação articulando pensamento, linguagem e ação. Os autores destacam os limites da etapa de constituição de um docente quando as condições sociais que permeiam a pratica educativa são desconsideradas. Outro aspecto é a reflexão sobre as escolhas teóricas e as atividades propostas durante o estágio que podem constituir um movimento novo e necessário a formação profissional.

No decimo quarto capítulo, Nyaura Araujo da Silva Mesquita e Marlon Herbert Flora Barbosa Soares defendem a necessidade de superar a visão de estágio como cumprimento de horas exigidas pela legislação, especificamente na área de Química. Segundo eles é preciso haver um esforço dos educadores químicos e professores de química com o objetivo de conscientizar os alunos sobre o compromisso social com a educação.

No decimo quinto capítulo, Antônio Rogerio Fiorucci, Claudia Andrea Lima Cardoso e Edemar Benedetti Filho discorrem sobre o ensino de química no ensino médio nas escolas da região de Dourados. Os autores apresentam as dificuldades enfrentadas pelos professores e a importância de se repensar a formação inicial desses profissionais. Verificaram que as mudanças positivas foram baseadas no uso da experimentação de atividades lúdicas no ensino de química e o incentivo de intercâmbio entre universidade –escola.

Finalizando as considerações sobre a obra, foi possível perceber a consistência dos artigos e a boa escrita. Os assuntos abordados são atuais e interessantes atendendo as demandas dos profissionais que percorrem o caminho da docência e aos que acompanham e realizam os estágios curriculares supervisionados.

Ressalte-se que, durante a leitura poderá o leitor visualizar erros quanto à ortografia, pontuação e em alguns casos concordância verbo-nominal, inconsistências que poderiam ser resolvidas com minuciosa correção por parte da editoria. O número expressivo dos itens destacados surpreende e compromete a leitura. Entretanto, a leitura é recomendada aos docentes e

discentes de cursos de licenciatura e aos profissionais e gestores em educação, a fim de ampliar a discussão acerca do Estágio Curricular Supervisionado.

*Mestranda em Educação pela UFSCar-Sorocaba, membro do GEPLAGE – UFSCar-Sorocaba. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. E-mail: jmarthendal@yahoo.com.br

Recebido em 10/04/2018

Aprovado em 10/05/2018